

Perfil de investimentos diretos tem melhorado

Volume do dinheiro estrangeiro destinado a empresas exportadoras cresceu desde 1999

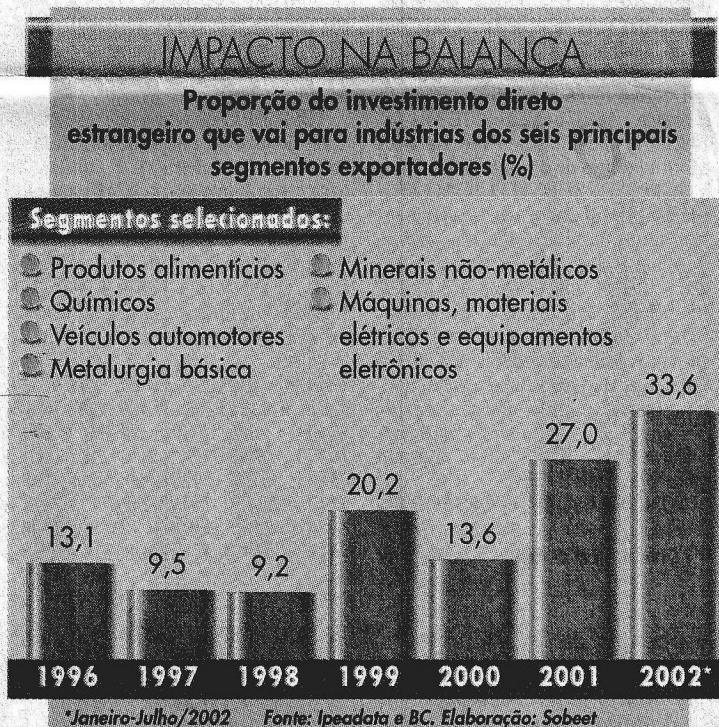
MARCELO REHDER

O perfil dos investimentos diretos estrangeiros que chegam ao País está mudando para melhor, apesar da queda no volume. Desde a desvalorização do real, em janeiro de 1999, vem crescendo a participação das empresas exportadoras como receptoras desse capital, o que terá impacto favorável sobre o balanço de pagamentos nos próximos anos. De acordo com levantamento da Sociedade Brasileira de Estudos de Empresas Transnacionais e Globalização Econômica (Sobeet), a proporção de investimentos em seis segmentos industriais responsáveis por quase 40% das exportações do País chegou a 33,8% do total nos sete primeiros meses deste ano – 265% a mais em comparação com 1998, quando era de 9,2%. De janeiro a julho de 2001, essa participação tinha sido de 22,9%.

“A nova realidade cambial impulsionou decisões de substituição de importações e de aumento das exportações”, diz o presidente da Sobeet, Antônio Corrêa de Lacerda. Ele ressalta que os investimentos diretos estrangeiros no Brasil hoje não incluem quase nada de privatizações, e a participação do setor de serviços está despencando. O setor recebeu 59% dos recursos que ingressaram este ano no País até julho, em comparação com 97% em 1998.

“Além de não gerarem receita em dólares, esses investimentos demandam remessas futuras de lucros, dividendos e licenças, que causam desequilíbrios no balanço de transações correntes”, observa o presidente da Sobeet.

O estudo da entidade mostra que o setor de produtos alimentí-



cios foi o que mais aumentou sua participação no total de investimentos, passando de 1,8% nos sete primeiros meses de 2001 para 12,2% em igual período deste ano. Os alimentos respondem hoje por 2% das vendas do País no exterior.

O setor automobilístico, que contribui com cerca de 14% nas exportações brasileiras, absorveu 10,5% dos investimentos, frente a 9% de janeiro a julho de 2001. Nas empresas do setor de metalurgia, a participação passou de 0,5% para 0,7%.

Outros setores analisados, como os de produtos químicos, minerais não-metálicos e equipamentos eletrônicos, perderam participação em relação a 2001, mas continuam atraindo mais recursos quando se compara com anos anteriores. As

empresas do setor químico, por exemplo, receberam 8,6% do total de investimentos até julho, contra 8,7% em igual período de 2001. Em compensação, essa participação era de 3,7% em 2000 e de 1,5% em 1998.

SETOR DE ALIMENTOS TEVE A MAIOR CAPTAÇÃO

Lisina – A Ajinomoto, multinacional japonesa, está investindo US\$ 25 milhões na sua Divisão de Nutrição Animal no Brasil. A meta é dobrar a produção de lisina, importante matéria-prima (aminoácido) para a formulação

de rações para aves e suínos, nos próximos dois anos. Sua fábrica localizada em Valparaíso, interior de São Paulo, tem capacidade para produzir 30 mil toneladas de lisina, a partir da cana-de-açúcar. Pelo projeto, a produção deverá ser ampliada para 48 mil toneladas no ano que

vem e 60 mil no fim de 2004.

“Boa parte da produção é exportada para países da América Latina, como México, Chile e Colômbia”, conta o diretor da Divisão de Nutrição Animal da Ajinomoto, Daniel Bercovici. Atualmente, a filial brasileira exporta o equivalente a US\$ 120 milhões em aminoácidos.

Segundo Bercovici, o consumo no mercado brasileiro está em 25 mil toneladas por ano, o que corresponde a cerca de US\$ 50 milhões. Há apenas 11 fábricas de lisina em todo o mundo, das quais seis pertencem à Ajinomoto, que detém um terço do mercado. Na América Latina, há apenas a fábrica brasileira.

Recuperação – No ano passado, a crise de liquidez no mercado internacional fez com que o volume global de investimentos caísse pela metade, depois de uma década de crescimento contínuo. No Brasil, o fluxo anual recuou de US\$ 33,5 bilhões para US\$ 22,5 bilhões. Para este ano, a expectativa é de que fique em torno de US\$ 17 bilhões. Mas já há sinais de recuperação.

Nos últimos dois meses, a consultoria Deloitte, Touche, Tohmatsu registrou aumento significativo nas consultas de investidores estrangeiros interessados em projetos no Brasil. “Temos a sensação de que está havendo uma recuperação em relação ao cenário mais desfavorável do começo do ano, quando a maioria dos investidores se retraiu”, observa o sócio-diretor José Paulo Rocha.

Segundo ele, a consultoria vem sendo procurada por investidores americanos, principalmente, e europeus, em menor escala, em busca de oportunidades em empresas do setor industrial nos segmentos de alimentos e produtos de higiene e limpeza. “O que atrai o investimento estrangeiro no Brasil ainda é o grande potencial de crescimento do mercado consumidor”.